



Ministério da Cultura
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN
Departamento do Patrimônio Imaterial
Coordenação Geral de Identificação e Registro
Coordenação de Registro

Parecer nº 07/12/CR/CGIR/DPI/Iphan

Assunto: Processo nº 01450.015103/2007-13 referente ao **Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Paraty – Rio de Janeiro**

À Sra. Coordenadora de Registro, da Coordenação Geral de Identificação e Registro, do Departamento do Patrimônio Imaterial, encaminho o seguinte PARECER:

Trata-se de parecer conclusivo acerca da instrução técnica do processo de Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Paraty, Rio de Janeiro. O pedido de Registro foi apresentado à então 6ª Superintendência do Iphan pelo Instituto Histórico e Artístico de Paraty – IHAP em 15 de julho de 2005, com a anuência dos “principais produtores envolvidos”, conforme definido no dossiê, e enviado, via fax, ao DPI.

Após solicitação de informações complementares, o DPI, já em 2007, informou à Superintendência da necessidade de encaminhamento dos originais e dos demais elementos exigidos pela Resolução nº 001/06, além da manifestação daquela unidade sobre o Registro da festa. Nesta, a Superintendência deu parecer favorável ao pedido e indicou a realização do INRC a fim de subsidiar os estudos para o Registro.

Para dar início à pesquisa, a então Gerência de Registro descentralizou, em 2008, R\$50.000,00 para a Superintendência, e o material reunido e/ou produzido até 2010, assim como os originais dos documentos solicitados, foram recebidos pelo DPI em janeiro de 2011.

A proposta de Registro foi então apreciada pela Câmara do Patrimônio Imaterial¹ que, em sua 19ª Reunião, realizada no dia 28 de agosto de 2011, considerou o pedido pertinente.

¹ A Câmara do Patrimônio Imaterial é uma instância do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, constituída de quatro conselheiros, cabendo a ela analisar a pertinência das propostas de Registro.

RBP



A pesquisa

A pesquisa e a documentação da Festa do Divino de Paraty foram realizadas entre 2008 e 2010, cobrindo todo o período de ocorrência da celebração assim como aquele que a antecede, acompanhando a mobilização dos grupos sociais envolvidos. Foram identificados e documentados seus elementos constitutivos atuais, seus produtores, e os sentidos e significados atribuídos por eles à sua participação e à festa como um todo. A documentação também traz elementos para a compreensão de suas origens e de seu processo histórico de transformação.

A instrução do processo de Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Paraty foi totalmente conduzida pela Superintendência do Iphan no Rio de Janeiro. A Coordenação de Registro pôde analisar e propor algumas alterações pontuais no material já consolidado. Aquelas sugeridas para o texto descritivo-analítico foram acolhidas por aquela unidade, e o material correspondente, modificado. O texto apresenta bem o objeto e traz boas interpretações sobre a festa, possibilitando seu entendimento e a compreensão da sociedade paratiense.

Com relação ao material audiovisual, foi constatada a necessidade de algumas alterações, as quais não foram inteiramente possíveis de serem realizadas, tendo em vista que os diversos contratos firmados para sua produção haviam se encerrado e a equipe desmobilizada.

O INRC realizado deverá passar, oportunamente, por uma reelaboração e complementação em seu conteúdo conforme apontado pelas Notas Técnicas nº 07 e 09/11, possivelmente dentro de uma ação de salvaguarda, tendo em vista que o DPI considerou que a necessidade de alterações não seria um impeditivo para o andamento do processo de Registro.

O corpo do processo está constituído pelos documentos originais do pedido de Registro, cartas de anuência, notas técnicas e memória de reuniões, pelo Dossiê Descritivo ilustrado, além de correspondências diversas. Os demais documentos e publicações, produzidos ou reunidos pela pesquisa, em diferentes suportes, constituem os seguintes anexos e apensos do processo:

ANEXO I - Fichas do INRC da Festa do Divino Espírito Santo de Paraty.

ANEXO II - Vídeo da Festa do Divino Espírito Santo de Paraty 17min.

ANEXO III - DVD de fotos da Festa

ANEXO IV - DVD com vídeos das entrevistas realizadas.

RBAO



ANEXO V - Autorizações de uso de imagem e som.

ANEXO VI - DVD com as versões digitalizadas das autorizações de uso, dossiê, entrevistas (áudio), fichas do INRC, Parecer, Relatórios e arte final dos materiais.

APENSO I - DVD Vídeo Festa do Divino Espírito Santo de Paraty (encaminhado quando do pedido)

APENSO II - DVD vídeos da Festa do Divino Espírito Santo de Paraty de 1993.

APENSO III - DVD vídeos da Festa do Divino Espírito Santo de Paraty de 1995 (I).

APENSO IV - DVD vídeos da Festa do Divino Espírito Santo de Paraty de 1995 (II).

APENSO V - DVD vídeos da Festa do Divino Espírito Santo de Paraty: 1996.

APENSO VI - DVD vídeos da Festa do Divino Espírito Santo de Paraty de 1998.

APENSO VII - DVD vídeos da Festa do Divino Espírito Santo de Paraty de 2002.

APENSO VIII - CD com fotografias da exposição “Brincando com a Festa do Divino” (2007).

APENSO IX - Pasta com folhetos, recortes de jornais, materiais de pesquisa (relatórios, fichas de cadastro), listagem dos objetos encaminhados, com a respectiva descrição, e cartazes da festa: 1986, 1995, 2000, 2005, 2009.

APENSO X- SOUZA, Marina de Mello e. Parati: a cidade e as festas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora Tempo Brasileiro, 1994. 262p.

APENSO XI - MAIA, Thereza Regina de Camargo. Paraty: religião e folclore. São Paulo: Editora Nacional, 1974. 174p.

APENSO XII -. MELLO, Diuner. Festa do Divino Espírito Santo de Paraty – Manual do Festeiro. São Paulo: Editora Estímulo, 2003.160p.

APENSO XIII - RAMECK, Maria José S. e MELLO, Diuner (org.) Roteiro Documental do Acervo Público de Paraty. Câmara Municipal de Paraty, Instituto Histórico e Artístico de Paraty – Guaratinguetá, SP: Gráfica e Editora Dias, 2003. 147p.

Além desses documentos, constam no DPI, mas não foram incorporados ao processo, os seguintes objetos encaminhados.

- Avental da festa do divino de 1997;
- Medalhinhas do Divino Espírito Santo presas a um pequeno estandarte;
- Bandeira do Divino Espírito Santo grande em veludo;
- Medalha dourada do Espírito Santo, guardada numa caixa de veludo;



- Chaveiro com a oração ao Divino Espírito Santo;
- Almofadinha com medalha do Espírito Santo;
- Pomba em madeira;
- Mastro e estandarte do Divino em miniatura;

Desse modo, todo o conhecimento sobre a Festa do Divino de Paraty e os requisitos para o seu Registro, em conformidade com a legislação, estão devidamente contemplados no presente processo.

As festas no Brasil

As festas de santo constituem um elemento importante para a compreensão da ocupação do território e da formação do Brasil. Foram trazidas pelos colonizadores e aqui se mesclaram às culturas africana e indígena, e, assim, se espalharam pelo país inteiro. As festas são momentos de reencontro, de afirmação da identidade e do sentido de pertencimento.

Nelas, as expressões de devoção religiosa e os rituais sagrados se misturam e se confundem com as manifestações profanas e com os elementos de divertimento. As missas, novenas e procissões estão sempre associadas a alvoradas, bandas de música, folias e procissões de bandeiras, levantamento de mastro, refeições coletivas, bingos e feiras, apresentações de teatro, música, gincanas e bailes.

Entre as festas de santo que mais se destacam estão aquelas do ciclo junino, de devoção a Santo Antônio, São João e São Pedro; as de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, ou Santa Efigênia, “os santos de preto”, geralmente associadas aos Congados, Moçambiques, cujas devoções têm origem no processo de cristianização das colônias africanas; e as do Divino Espírito Santo, popularizadas por todo o Brasil, por jesuítas e colonos açorianos².

As celebrações possuem grande representatividade dentre as propostas de reconhecimento recebidas pelo Iphan. Entre os 32 processos de Registro em andamento, 11 são de festas, rituais religiosos ou formas de expressão que mantêm alguma relação com santos. Com relação às Festas de Santo, propriamente ditas, estão em andamento no âmbito do DPI, o

² Parecer nº 02/10/CGIR/DPI/Iphan – Registro da Festa do Divino de Pirenópolis



processo de Registro da Festa do Divino do Vale do Guaporé, da Centenária Procissão do Senhor dos Passos – SC; da Festa de São Sebastião, do município de Cachoeira do Arari, da Ilha de Marajó/PA; da Festa de Nosso Senhor do Bonfim - Salvador, BA; da Festa de São Benedito de Aparecida- SP, e da Festa de Santo Antônio de Barbalha – CE.

Até a presente data, o Livro de Registro das Celebrações possui 5 inscrições: o Círio de Nossa Senhora de Nazaré - PA, a Festa do Divino de Pirenópolis - GO, o Ritual Yaokwa do Povo Indígena Enawenê Nawe - MT, a Festa de Sant' Ana de Caicó - RN e o Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão.

O DPI, junto à Câmara do Patrimônio Imaterial, tem se questionado sobre como abordar aquelas festas cuja devoção é recorrente em todo o país, e como avaliar e selecionar as passíveis de serem reconhecidas como patrimônio cultural do Brasil. Contudo, ainda não foi possível formular uma agenda para a realização de uma reunião técnica que tenha o objetivo de discutir a questão de forma mais aprofundada.

Portanto, a necessidade de atender às demandas, exigiu que a conversa se desenvolvesse conforme cada caso e, à medida que esses pequenos espaços de discussão se concretizaram, permitiram delinear alguns pontos de atenção, mas a discussão ainda está em aberto e precisa de um espaço próprio de reflexão.

De qualquer forma, é importante atentar, em cada análise de pedido de Registro de festa de santo, para os elementos próprios, específicos, que não encontraremos no mesmo formato e com os mesmos sentidos e valores. Nas festas de devoção recorrente, como é o caso das do Divino Espírito Santo, os elementos básicos se repetem, porém, estes se adaptaram às transformações sofridas pela sociedade local, integraram outros conforme as características da região e de sua história, e é essa dinâmica que faz de cada festa bastante específica, e um objeto de análise complexo.

As Festas do Divino Espírito Santo

Quando se fala em festas do Divino no Brasil, lhes é sempre atribuída uma forte tradição lusitana. Pesquisadores conferem a origem do culto à devoção da Rainha Isabel, século XIV, e à construção da igreja do Divino Espírito Santo em Alenquer, Portugal, na qual teria se estabelecido o culto à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade.

LBAP

Contudo, José Reginaldo Santos Gonçalves, aponta para estudos em que a criação da festa se deu ainda no século XIII, ligada à ideologia milenarista do abade calabrês Joaquim de Fiore, na qual existiriam três tempos: o do Pai, o do Filho e o do Espírito Santo³, que seria marcado pela ausência da mediação da Igreja nas relações entre o Homem e o Divino, e pela caridade. Nesse mesmo contexto se delimitaram rituais e práticas que ainda hoje são considerados basilares para a realização e identificação da Festa do Divino Espírito Santo: a esmola, a comida, a coroação de uma pessoa do povo.

A celebração teria chegado ao Brasil ainda no século XVI e, segundo a historiadora Martha Abreu (1999), a festa do Espírito Santo no Rio de Janeiro conservava, ainda no século XIX, as folias, a coroação de um imperador e o império, símbolos centrais do ritual da festa em Portugal. Da mesma forma eram mantidas as comemorações profanas junto aos atos religiosos.

As festas do Divino constituem-se numa relação de troca com a divindade, são festas de agradecimento, de pagamento de promessas, de cooperação entre os indivíduos da comunidade. São festas das quais não participam pessoas isoladas, mas famílias, formadas pela nuclear mais os compadres, os vizinhos e os amigos.

Contexto

Paraty está situada no extremo sul do litoral do Estado do Rio de Janeiro. Nos primeiros anos do século XVIII, principalmente, sua localização geográfica era importante ponto para as ligações terrestres e marítimas, passagem de exploradores e escravos, de víveres e instrumentos de trabalho, de ouro e pedras preciosas, que transitavam entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais. Contudo, o trajeto era difícil e, após a abertura de um novo caminho, o movimento comercial foi desviado de Paraty.

Contudo, a cidade continuou ligada à efervescência da colônia através do Vale do Paraíba, caminho este que seria revitalizado durante algum período para o escoamento da produção de café. Seu potencial econômico adveio da aguardente, muito requisitada e que servia como moeda de troca nas negociações com a África.

³ GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio. Rio de Janeiro, 2007. p.197

Com a abertura de novos caminhos e estradas e, posteriormente, de uma ferrovia na região, aos poucos Paraty foi perdendo sua centralidade, mantendo, contudo, uma economia autossuficiente e uma vida social e cultural voltada para si. A partir do final do século XIX, Paraty se distanciou cada vez mais da atividade republicana, fazendo com que o imaginário e o cotidiano de sua comunidade ainda se identificasse com um Brasil colonial enriquecido pelo ouro, onde a religião era elemento fundamental da vida⁴.

Na década de 1950 o interesse pela cidade cresceu, verificado principalmente com a chegada dos paulistas atraídos pelo sossego, pela arquitetura e pelas manifestações culturais, que traziam dinheiro novo e esperanças para a cidade “adormecida”. O movimento aumentou quando, na década de 1970, a cidade ligou-se diretamente ao Rio de Janeiro e a São Paulo com a abertura da BR-101, a Rio-Santos, tornando-se pólo turístico.

A cidade de Paraty é um importante sítio histórico tombado desde a década de 1950. A primeira medida de proteção legal ocorreu em 1945 com a elevação de Paraty à categoria de “Monumento Histórico do Estado do Rio de Janeiro”. O reconhecimento do Iphan se deu em 1958, inscrevendo-se o conjunto arquitetônico da cidade nos Livros do Tombo das Belas Artes e Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico. Em 1974 o tombamento foi estendido ao “Município de Paraty”, inscrito nos mesmos livros mencionados.

A Festa do Divino de Paraty

Quem é da cidade, quem nasceu e tem família ali sabe sobre o Divino, é fator que distingue quem é local e quem é de fora. Para os moradores da cidade, ela é mais aguardada do que o Natal, é época de “vestir roupa nova e festar”.

Paraty é reconhecida pelos seus habitantes como a “cidade das festas”, dentre as quais a do Divino Espírito Santo é a mais importante e complexa, ocorrendo desde o período colonial. A festa compreende diversos espaços da cidade, como a Igreja Matriz Nossa Senhora dos Remédios, a Praça da Matriz, a casa do festeiro, além das diversas ruas pelas quais a procissão passa durante os dias de celebração.

⁴ SOUZA, Marina de Melo e. Paraty: a cidade e as festas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. p. 57.

A festa do Divino de Paraty é organizada, ao longo de um ano, por um festeiro⁵ escolhido pelo pároco a partir das cartas de intenções enviadas pelos interessados⁶. O prestígio e a honra envolvidos em ser festeiro se dão para além do momento da festa: um festeiro muito querido recebe ajuda e muitas doações; aquele que faz uma boa festa é reconhecido para sempre, assim como, aquele que desagrada, ficará marcado.

A viabilização dos diferentes momentos da festa está dividida entre a Paróquia local, encarregada da parte litúrgica, e a prefeitura, encarregada da parte profana, como as barracas da quermesse, shows e jogos. As ruas, as fachadas das casas e a igreja são enfeitadas de branco e vermelho. A população local participa com grande empenho, com doações e ajudas diversas, realizadas em sua maioria para agradecer a graça concedida ou fazer uma promessa, como é o caso da D. Maria da Conceição de Souza Cândido, cujo marido se recuperou de um câncer:

“eu peguei essa festa como uma forma de agradecimento, de Ele dar tudo, e eu poder retribuir tudo para Ele, a vida dele, a minha vida, a vida dos meus filhos”.

A festa do Divino de Paraty é concebida a partir de um trabalho coletivo, de modo que, se o festeiro ignora a ajuda alheia, impede o devoto de estabelecer a relação com o Divino.

“Aí vem aquele pobrezinho, na época da festa, com o envelope e te dá e diz: isso aqui é uma ajuda que eu trouxe para a festa (...) eles economizam e te dão até um salário mínimo. (...) você fica até emocionada. É gente que não tem mesmo, mas faz aquele sacrifício (...)”⁷

O movimento da festa se inicia ainda no Domingo de Páscoa, quando acontece o levantamento do mastro, cuja bandeira sai da casa do festeiro em procissão, passa pela casa de

⁵ Diferentemente de outras festas da cidade, a do Divino nunca foi organizada por uma irmandade, sempre sendo feita pela comunidade como um todo. Sua continuidade se deve também a isso, tendo em vista que após o fim das irmandades, muitas festas deixaram de ser feitas ou tiveram dificuldades para se manterem.

⁶ Antigamente, o festeiro do ano era sorteado.

⁷ Fala da Sra. Magda de Cássia Stanisce, ex-festeira.

alguns fiéis, doentes em sua maioria, e depois segue para a praça da Igreja Matriz onde o mastro será erguido.

Junto à procissão segue a Folia, encarregada de anunciar e orientar todas as cerimônias inerentes à festividade do Espírito Santo. As casas por onde ela passa se preparam para recebê-la com comidas e bebidas, ou oferecendo pouso aos foliões. Antigamente, a folia percorria a zona rural de Paraty, mas hoje as localidades não contempladas na peregrinação recebem do festeiro uma bandeira do Divino para que possam continuar exercendo sua devoção.

A festa se inicia, oficialmente, uma semana antes do Domingo de Pentecostes, quando a cidade é acordada com a Alvorada Festiva, na qual a Banda Santa Cecília percorre as ruas do centro histórico saindo em procissão da casa do festeiro rumo à igreja Matriz, onde ocorrerá a primeira ladainha.

O sábado e o Domingo de Pentecostes concentram as maiores e principais atividades da Festa do Divino. Às sete horas da manhã de sábado, é distribuída carne abençoada aos pobres e, após a partilha, sai o Bando Precatório (bandeiras, banda de música, Folia e povo), que segue pelas ruas da cidade pedindo esmolas. Nesse mesmo dia, acontece o almoço do Divino, onde é servida macarronada, carne com batatas, frango cozido, arroz e uma farofa de feijão, esta última definida como a “mãe do feijão tropeiro, a comida levada acima pelos tropeiros, desde o século XVII”⁸.

Durante o almoço, os “bonecos folclóricos” se apresentam: Boi-de-pano, cavalinho, Miota, Peneirinha. Alguns moradores da cidade lembram que, antigamente, os brincantes se dirigiam à Praça da Matriz e ali encenavam a morte do Boi, momento em que era também distribuída a carne aos pobres, atividade hoje realizada na casa do festeiro, conforme apontado acima. Estas manifestações culturais são semelhantes àquelas presentes em outras festas pelo Brasil, como o casal João Paulino e Maria Angu, comuns nas festas ligadas às zonas cafeeiras; e os bois, práticas recorrentes em diversas regiões do país.

Na noite de sábado, a procissão sai novamente da casa do festeiro rumo à igreja Matriz para ouvir a última ladainha da novena. É nesse momento que um menino da cidade é coroado imperador: após a comunhão, o padre chama o escolhido para subir ao altar e ali ele é coroado pelos festeiros daquele ano⁹. Aqui é importante fazer um comentário: em muitas festas do

⁸ Dossiê de Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Paraty. p. 72

⁹ A reminiscência de uma figura imperial demonstra a valorização do período de apogeu político e social da cidade.

Divino, as figuras do imperador e a do festeiro são reunidas numa só pessoa, onde o festeiro é o imperador e vice-versa. Na de Paraty são dois elementos independentes, o que de certa forma, ressalta a importância de cada um deles e o que eles representam enquanto elemento de identidade do paratiense.

O imperador segue, então, para a Praça da Matriz onde é montada uma tenda em sua homenagem. Ali ele e sua corte assistirão a “danças”, como a das fitas, a dos velhos e o Marrapaia, grupo de Moçambique da cidade paulista de Cunha que se apresenta há muitos anos na Festa do Divino de Paraty. Em Cunha, também é realizada uma festa em devoção ao Divino Espírito Santo, mas ao final do ano, em setembro, após a colheita.

A programação profana ocorre na Praça da Matriz e inclui competições esportivas, gincanas, bingo, shows musicais, danças, ciranda (antigamente chamada de chiba, o baile da roça). Há também barraquinhas que oferecem utensílios domésticos e outros objetos, além de comidas e bebidas.

No domingo de Pentecostes, a Alvorada acorda a comunidade para a Festa. A procissão sai da casa do festeiro carregando o andor com o Resplendor do Divino Espírito Santo¹⁰, e segue rumo à igreja para a missa. Nessa ocasião, as preces dos fieis, depositadas em uma caixa durante a novena, são queimadas pelo padre, e a fumaça “leva os pedidos aos céus”. Ao final da missa, todos recebem uma lembrança da festa: uma pombinha e um saquinho com sal. O imperador, então, se dirige ao império para a soltura de um preso, uma prática comum em outras épocas, onde por ocasião da coroação de imperadores e reis, dava-se sempre essa indulgência. A procissão retorna, então, à casa do festeiro onde serão distribuídos doces à comunidade.

O encerramento da festa acontece ao final do dia com a Missa em Ação de Graças, na qual são também anunciados os festeiros do próximo ano. Finalmente, há uma grande queima de fogos.

A Festa do Divino de Paraty é uma manifestação dinâmica, cujas mudanças podem ser facilmente apropriadas através da análise do material que compõe o processo.

Houve, por diversas vezes na história de Paraty, intervenções governamentais e eclesásticas na festa. Em sua maioria diziam respeito à escolha do festeiro, à esmolação, aos rituais e a presença das diversas manifestações profanas. Além disso, determinações acerca da

¹⁰ Segundo o dossiê de Registro, o Resplendor do Divino é uma peça do século XVIII, em madeira, trabalhado na forma de um ostensório e ricamente dourado. Por seu valor histórico e artístico, fica em exposição permanente no Museu de Arte Sacra de Paraty durante todo o ano, só saindo por ocasião da Festa.

ABP

ocupação da cidade muitas vezes levaram à expulsão da população do centro, fato que, contudo, não impediu a realização da festa no seu espaço.

Segundo o dossiê apresentado, a festa teve sua continuidade viabilizada devido a diversos fatores ao longo da história da cidade: características geográficas, feições arquitetônicas e tradições culturais, contribuíram para que Paraty mantivesse o espírito colonial dentro de um país republicano. Além disso, a constante associação da festa de Paraty com aquela realizada nos Açores se constituiu como um “mito de origem para sua realização e permanência”: a comunidade paratiense “encontra os sentidos e significados da sua identidade na devoção e no culto ao Divino”¹¹.

Ao longo do texto encaminhado para nossa apreciação, os aspectos da festa também estão diretamente relacionados às características físicas da cidade, pois o cotidiano das pessoas é vivido em meio a construções centenárias, espaços essenciais na manutenção da memória. A memória e a valorização de seu passado se refletem em algumas práticas ligadas à Festa do Divino, dado que em outras épocas, os festeiros revertiam a sobra dos recursos arrecadados em benfeitorias para as igrejas da cidade, principalmente no que diz respeito à conservação dos prédios históricos e dos bens móveis que deles fazem parte. Hoje em dia ainda permanecem resquícios dessa prática.

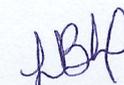
A população de Paraty se empenha constantemente em “buscar as imagens e os símbolos da época do Império, reconstituindo costumes que caíram em desuso e valorizando aspectos da cultura popular que haviam sido perseguidos e banidos em outras épocas”¹². Os paratienses buscam a tradição, a correlação com os tempos de maior esplendor da cidade.

O objeto do Registro

A Festa do Divino Espírito Santo de Paraty, Rio de Janeiro, se realiza a cada ano, a partir do Domingo de Páscoa, com o levantamento do mastro, e se desenvolve, principalmente, na semana que antecede o Domingo de Pentecostes. É uma celebração constituída por diversos rituais religiosos e expressões culturais como o levantamento do mastro, que ocorre ainda no Domingo de Páscoa, e as manifestações que envolvem este momento, como a procissão que

¹¹ Dossiê de Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Paraty. p. 18

¹² Idem



segue da casa dos festeiros e carrega os signos da devoção (quadro, bandeiras, bastão, “o mundo” e a pomba); a Folia do Divino, encarregada de anunciar e orientar todas as cerimônias inerentes à festividade, e que passa de casa em casa, visitando os fiéis, acompanha as procissões, etc.

O Império do Divino, montado na casa do festeiro, onde ficam expostas as insígnias imperiais e as bandeiras; a Alvorada Festiva com a Banda Santa Cecília, que despertam a cidade no dia da festa; o bando precatório, encarregado da esmolação; as ladainhas, procissões, novenas, missas, a coroação do imperador e a representação da soltura de um preso.

O almoço do Divino, a distribuição de carne abençoada e de doces, elementos de caridade e de colaboração.

Também compõem a festa do Divino de Paraty manifestações culturais, como os chamados bonecos folclóricos: o Boi-de-pano, ou Boi-da-festa, o Cavalinho e o Capinha, o Peneirinha e a Miota, ou Minhota.

Também são integrantes as chamadas “danças” apresentadas ao imperador na Praça da Matriz: o grupo de Moçambique (Marrapaiá), que vem da cidade paulista de Cunha para participar da festa; as cirandas, a Dança-dos-velhos, a Dança-das-fitas.

Além disso, estão presentes os divertimentos como as competições esportivas, as gincanas, os concursos, os shows musicais, os shows de calouros. O bingão do Divino, que acontece antes da festa, mas a integra por ser um momento de socialização, de encontro e de interrupção da vida cotidiana, além de arrecadar recursos para a realização da festa.

Medidas de Salvaguarda

O dossiê de Registro traz algumas recomendações de salvaguarda que apontam substancialmente para a valorização da festa. Seguem abaixo conforme apresentadas:

- Valorização da Festa do Divino no calendário cultural da cidade; incentivo ao turismo religioso e melhoria nas condições de produção, reprodução e circulação do bem cultural.

Os paratienses apontaram que a festa vem sendo apropriada de forma indevida pelo calendário cultural da cidade, incentivada, principalmente, pelas pousadas da cidade que fazem um uso meramente turístico, deturpando a motivação religiosa e de confraternização.





- Sensibilização do poder local para a importância da Festa do Divino como um evento sociocultural da cidade e não apenas de cunho religioso.

Nesse caso foi explicitada pela população a necessidade do poder local compreender que a Festa do Divino “constitui a história e a identidade de todos os paratienses, e não somente daqueles que são católicos”¹³.

- Valorização das formas de expressão associadas à Festa do Divino e de seus mestres e executantes.

São apontadas como ações possíveis aquelas de transmissão dos saberes inerentes à Folia, às danças e aos bonecos folclóricos, além da necessidade de apoio e de investimento público para que elas aconteçam (no ano de 2009 algumas manifestações não puderam acontecer devido à falta de recursos).

- Promoção e divulgação do bem cultural.

Ações voltadas para a área educativa e de valorização dos bens culturais pelos jovens, alunos, professores, poder local, etc.

Proposição do Registro

Por sua relevância nacional, na medida em que traz elementos essenciais para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira;

Por ser esta celebração representativa da diversidade e da singularidade, na forma como se estrutura e se desenvolve, com elementos próprios, específicos; e da unidade, na recorrência das expressões de religiosidade e de devoção ao Divino Espírito Santo.

Por ser esta celebração um elemento fundamental para a construção e afirmação da identidade cultural do paratiense, dado os elementos que agrega e que legitimam suas práticas cotidianas;

Por ser uma referência cultural dinâmica e de longa continuidade histórica;

¹³ Dossiê de Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Paraty. p. 108.

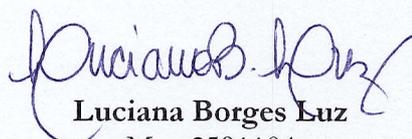
R. B. B. O.

Por atender às diretrizes da Política de Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, que prioriza ações direcionadas a esse patrimônio em núcleos, sítios ou cidades tombadas, valorizando a população local, suas práticas e memórias.

Por encontrarmos suficientemente apresentados no presente parecer os argumentos capazes de fundamentar a decisão quanto à pertinência do Registro da **Festa do Divino Espírito Santo de Paraty**, no Livro das Celebrações, somos favoráveis ao seu reconhecimento como **Patrimônio Cultural do Brasil**.

É este o nosso parecer.

Brasília, 01 de março de 2012.

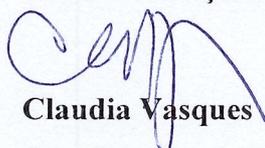

Luciana Borges Luz
Mat. 2591104
Coordenação de Registro

De acordo.

À Coordenadora Geral de Identificação e Registro,

Para os demais encaminhamentos.

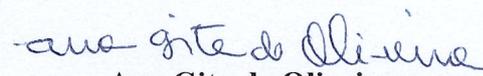
Em 09 de março de 2012.


Claudia Vasques
Coordenadora de Registro

De acordo.

À Diretora do DPI, Para os devidos encaminhamentos.

Em 09 de março de 2012.


Ana Gita de Oliveira

Coordenadora Geral de Identificação e Registro DPI/Iphan